

Análise da cobertura jornalística de problemas ambientais pelo jornal online

“Zero Hora”¹

Maysa Fernanda da Silva Saraiva LEÃO²

Allan Soljenítsin Barreto RODRIGUES³

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

Resumo

Este paper apresenta resultados parciais do estudo onde analisamos a cobertura jornalística do jornal on-line “Zero hora” do Estado do Rio Grande do Sul relacionadas com meio ambiente, buscando avaliar se a imprensa conseguiu informar eficientemente os leitores sobre questões ambientais e seus desdobramentos na região do Sul do país, pois podemos relacionar o aumento no nível de informação científica sobre a questão ambiental, à tomada de decisão responsável sobre a adoção de medidas necessárias para diminuir a exploração de recursos naturais, uma vez que a exploração indiscriminada desses recursos tem resultado em grandes alterações climáticas globais que já se apresentam por meio de catástrofes ambientais como grandes enchentes e aumento da temperatura. Buscamos investigar se o conteúdo produzido pelo portal “Zero hora” se enquadra nos critérios de qualidade de jornalismo ambiental.

Palavras-chave: Zero hora, Jornalismo; Meio ambiente; Sustentabilidade; Desenvolvimento sustentável.

1. Introdução

Este paper traz resultados parciais de um estudo que tem como objetivo analisar a qualidade da cobertura jornalística sobre problemas ambientais no jornal online “Zero Hora” de Porto Alegre (RS). A intenção é avaliar se a imprensa consegue informar de forma eficiente seus leitores sobre os problemas ambientais e seus desdobramentos para uma das principais capitais da região Sul do país, Porto Alegre - RS. Para obter essas respostas nos utilizamos de ferramentas metodológicas e arcabouços teóricos de áreas como a Comunicação, o Jornalismo, a Sociologia e a Ciência Política. A intenção é verificar se houve qualidade nas informações ambientais passadas por um dos principais portais do Sul do Brasil no período de seis meses (setembro de 2016 a março de 2017).

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 24 a 26 de maio de 2017.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da FIC-UFAM, email: maysaleao@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor Curso de Jornalismo do DECOM-UFAM, email: allan30@gmail.com

Nesse sentido, entendemos que investigar o papel da mídia no esforço de conciliar progresso e meio ambiente significa contribuir para qualificar o papel dos veículos de comunicação na questão ambiental e melhorar o nível de informação dos cidadãos.

Dentre as razões que levam os governos a não fecharem acordos sobre a adoção de um novo modelo de desenvolvimento econômico e social capaz de conciliar o progresso e o uso sustentável dos recursos naturais são causados pela falta de apoio da opinião pública em seus respectivos países, estados e municípios a medidas que ocasionarão mudanças que podem desacelerar os processos produtivos e as relações de consumo que são estimulados hoje. Dessa forma, podemos correlacionar o aumento no nível de informação científica sobre a questão ambiental, a tomada de decisão esclarecida sobre a adoção ou não das medidas necessárias para diminuir o aquecimento global com a efetiva ação governamental.

Isto posto, compreendemos o papel do jornalista no sentido de esclarecer os cidadãos, torna-se essencial para que a sociedade tome decisões acertadas sobre o melhor modelo de desenvolvimento para o país. Na medida em que o jornalismo busca na ciência os enunciados que podem enriquecer a formulação de seu discurso a respeito dos temas ambientais, ele tem potencial para voltar-se para um papel esclarecedor, pedagógico e informacional (SOUSA, 2000).

2. Fundamentação Teórica

A análise da cobertura jornalística sobre ciência e meio ambiente realizada pelo jornal online “Zero Hora” está sendo feita sobre parâmetros quantitativo e qualitativo. Fazemos uso do método de análise de conteúdo por meio de critérios objetivos, construídos com base no aporte teórico da função jornalística e de seus princípios gerais, além de usarmos elementos específicos dos gêneros científico e ambiental.

Não existem consensos construídos formalmente sobre os princípios do jornalismo e as suas discussões éticas. Apesar disso, ao longo do tempo e com o intuito de garantir uma qualidade padrão na informação transmitida, o jornalismo incorporou uma série de princípios ou valores que passaram a nortear o exercício da profissão (TRAQUINA, 2005).

O método para realização da análise é o proposto por Kovach e Rosenstiel (2003), que após entrevistarem 300 jornalistas listaram oito princípios capazes de permitir ao

jornalismo alcançar sua finalidade. Para complementar as considerações dos autores utilizamos também contribuições teóricas de pesquisadores em comunicação do Brasil.

- **Compromisso com a verdade:** o primeiro compromisso do jornalismo deve ser com a verdade (PENA, 2005). Torna-se necessário esclarecer que trabalhamos com o conceito de Kovack e Rosenstiel (2003) no qual a verdade jornalística é diferente da verdade filosófica, pois a primeira é construída paulatinamente, matéria a matéria, visando o entendimento do fato no todo.
- **Lealdade ao interesse público:** A obrigação social do jornalista o leva além dos interesses imediatos de seus patrões e por isso, chamamos de independência jornalística o fato de o jornalismo ser financiado pelo setor privado, mas servir aos interesses públicos (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003).
- **A disciplina da verificação:** Aproximar-se da verdade é servir ao interesse público e para isso faz-se necessária uma disciplina de verificação das informações publicadas. Para Kovach e Rosenstiel (2003), essa disciplina da verificação separa o jornalismo do entretenimento, da propaganda, da literatura ou da arte.
- **Independência das fontes:** para Chaparro (2001), a organização e a capacitação discursiva das fontes é a mais importante modificação ocorrida nos processos jornalísticos nos últimos anos. Trata-se de uma questão de bom senso e de um compromisso inabalável com o princípio da lealdade com a população.
- **Ser um monitor independente do poder:** o princípio de guardião do interesse público do jornalismo se aplica tanto às ações do governo quanto aquelas das demais instituições poderosas da sociedade (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003).
- **Promover um fórum para a crítica e o comentário público:** segundo Kovach e Rosenstiel (2003), convém evitar abordar os lados extremos de um assunto, pois exclui a maioria dos cidadãos e dificilmente são conciliatórios. Quando este princípio não é observado o espaço para o fórum de discussões passa a ser ocupado pelo espetáculo e até mesmo pela ficção.
- **Apresentar o significativo de forma interessante e relevante:** esse princípio refere-se a dois aspectos do trabalho jornalístico: a escolha das notícias (o que é significativo) e a produção do texto (tornar as histórias interessantes). Em relação ao primeiro aspecto, Pena (2005) considera que revelar o modo como as

notícias são produzidas é mais do que a chave para compreender seu significado, é contribuir para o aperfeiçoamento democrático da sociedade.

- **O jornalista tem um dever com sua consciência:** o último, porém não menos importante princípio, preconiza que todos os jornalistas devem ter um sentido pessoal de ética e responsabilidade, o profissional da notícia deve perceber que tem uma responsabilidade de dar voz, bem alta, a sua consciência e permitir que outros ao seu redor façam a mesma coisa.

Problematizando o papel do jornalismo científico, Ivanissevich (2005) considera que cabe a ele possibilitar debates sobre questões polêmicas como mudanças climáticas globais.

- **Função informativa:** está implícita na própria conceituação de jornalismo científico, ou seja, a divulgação de fatos e informações de natureza científica e tecnológica, permitindo ao cidadão comum inteirar-se das novas descobertas das ciências e das suas implicações políticas, econômicas e socioculturais;
- **Função educativa:** o jornalismo científico deve estar atento ao fato de que em muitos casos ele é a única fonte popular de informação sobre ciência e tecnologia;
- **Função social:** manifesta-se pela preocupação em situar a informação científica e tecnológica num contexto mais amplo. Ela prevê o debate dos temas e da tecnologia à luz das aspirações da sociedade e faz coincidir os interesses com os objetivos da produção e da divulgação científica;
- **Função cultural:** o jornalismo científico deve trabalhar em prol da preservação e valorização da cultura nacional e repelir qualquer tentativa de agressão aos nossos valores culturais;
- **Função econômica:** cabe ao jornalismo científico exercer o papel de contribuir para aumentar o intercâmbio entre os institutos, universidades e centros de pesquisa nacionais e o setor produtivo;
- **Função político-ideológica:** levando em conta que muitas vezes o jornalismo científico é financiado pelas grandes empresas multinacionais que, através dele informam a opinião pública de suas realizações no campo científico e

tecnológico, ele deve evitar funcionar apenas como mero reproduzidor destes interesses e apenas legitimá-los junto à sociedade.

Apesar de o jornalismo ambiental compartilhar diversos elementos oriundos do jornalismo científico, a cobertura dos fatos relacionados à questão ambiental necessita de outras abordagens além da científica por envolver o debate de problemas com implicações científicas, sociais, econômicas e políticas (OLIVEIRA, 1990). Em razão disso, abordaremos as peculiaridades do jornalismo ambiental em relação ao científico e problematizar as aplicações dos princípios enunciados nos demais tópicos anteriores.

- **Diversidade de fontes:** as reportagens ambientais precisam abrir espaço não somente para os que já possuem espaço de fala nos veículos de comunicação, mas também àqueles comumente silenciados pela mídia. “O jornalismo ambiental deve potencializar o diálogo entre o catedrático e o pescador, entre o agrônomo e o trabalhador rural, o mateiro e o biólogo e não deve estigmatizar a sabedoria dos pajés” (BUENO, 2007, p.14).
- **Independência em relação às fontes:** no dia a dia da cobertura ambiental o jornalista não deve escolher os assuntos que irá cobrir com base em sugestões encaminhadas por agências de comunicação, assessorias de imprensa, pesquisadores, ONG’s dentre outros sem antes buscar entender as razões e os interesses que estão por trás delas.
- **Abrir o espaço para o debate:** este ponto mostra-se associado ao anterior, pois na medida em que a escolha das fontes se dá sob a ótica da diversidade é natural a ocorrência do debate de opiniões entre elas. Quando privilegia fontes do âmbito acadêmico, do universo político (as autoridades) e da comunidade empresarial o jornalista ambiental incorre em uma atitude elitista, autoritária e não democrática ao retirar o espaço das falas e experiências dos cidadãos comuns (BUENO, 2007). Ao contrário, diz o autor, a reportagem deve contemplar as controvérsias, o debate, o embate de ideias e opiniões.
- **Evitar o sensacionalismo:** este item está relacionado a compreensão, muitas vezes ausente nas redações, de que fazer jornalismo ambiental não significa aderir à histeria. Importante frizar que não se trata de amenizar questões urgentes ou assumir postura ingênua perante as evidências da degradação ambiental e

seus impactos, mas sim estar atento aos sofismas dos discursos, por exemplo, tanto dos ativistas quanto das empresas poluidoras (FONSECA, 2004).

O autor explica que tal comportamento sensacionalista da imprensa ocorre devido ao fato desta nem sempre se pautar pelo incentivo ao debate público. Pelo contrário, prefere destacar as catástrofes ambientais fazendo manchetes que beiram o terrorismo relacionando a ecologia ao medo.

a) Nem tudo se resume às questões econômicas

Alguns profissionais de imprensa quando não relutam em reconhecer a importância dos aspectos ambientais na economia tendem a resumir todas as suas implicações ao campo econômico. Uma cobertura criativa e consequente que enxergue, estude e explore as múltiplas conexões existentes entre as variáveis ambientais e o mundo do dinheiro, do comércio exterior e do sistema financeiro ainda é rara na imprensa nacional (SCHARF, 2004).

b) Procurar aliar jornalismo e educação

O jornalismo ambiental deve dar condições para que o cidadão participe do debate sobre o desenvolvimento sustentável desempenhando uma função pedagógica no sentido de sistematizar conceitos, disseminar informações, conhecimentos e vivências.

c) Evitar a fragmentação da cobertura

A fragmentação decorrente muitas vezes do sistema de produção jornalística fragiliza a cobertura das questões ambientais (BUENO, 2007). Esse tipo de cobertura leva os jornalistas a ter um olhar míope sobre a questão ambiental, na qual não há preocupação com o contexto das ocorrências, ou seja, as pessoas terminam não sabendo o que aconteceu antes da notícia e suas prováveis consequências (SCHARF, 2004). Isso acaba reduzindo a abrangência de algumas matérias ao ponto de transformá-las em notícias típicas das seções de variedades, que dentro do jornalismo são pouco valorizadas. Em verdade, o jornalismo ambiental precisa incorporar uma visão multifacetada que extrapole os limites dos cadernos e das editorias evitando a sua fragilização em virtude da fragmentação. Conforme Bueno (2007, p.17),

A segmentação dos veículos em cadernos, editorias ou páginas, consolida olhares ou focos e compromete o esforço de

articulação ou religação dos saberes, para usar a expressão de Edgar Morin. Esta fragmentação desestrutura a perspectiva que deve ser sempre ampliada do saber ambiental e empresta à cobertura olhares parciais, geralmente equivocados da questão ambiental, de seus problemas e soluções.

Fica claro que evitar a fragmentação constitui-se num desafio epistemológico estabelecido pela cobertura da questão ambiental. Existe um conflito entre o saber ambiental (que pressupõe a totalização do saber) e o sistema de produção jornalística, marcado pela forma fragmentada de comunicar.

d) Caráter revolucionário e engajamento

Os jornalistas ambientais, talvez por sua proximidade com causas que buscam mudanças no atual modelo de desenvolvimento e sua conseqüente necessidade de alterações profundas nas sociedades, se vem como partícipes de um processo revolucionário e apregoam o engajamento de seus pares. A revolução proposta deve ocorrer no comprometimento dos jornalistas com a mudança de paradigmas, uma visão além das aparências e não ser complacente com aqueles que se apropriam da temática ambiental para formar ou reforçar suas imagens. Além disso, uma postura permanente de suspeita em relação aos discursos pretensamente conservacionistas de governos e organizações com fins mercadológicos e propagandísticos. Bueno (2007, p.22), chama a atenção para o fato de que,

A militância em jornalismo ambiental implica dominar os conceitos básicos, estar comprometido com uma perspectiva crítica, contextualizar questões ambientais, politizar o debate. Ela requer conhecimento e respeito pela trajetória dos jornalistas ambientais brasileiros que, ao longo do tempo, têm dedicado, muitas vezes de maneira isolada e solitária, o seu trabalho e também a vida para a defesa dos interesses dos cidadãos.

Em relação ao engajamento, ela se justifica diante da necessidade de adesão imediata e permanente à pedagogia da indignação a que se referia Paulo Freire. O autor refere-se à capacidade e a disposição de indignar-se com as injustiças e de dedicar seu trabalho no sentido de, no mínimo, atenuá-las.

3. Descrição metodológica

A metodologia utilizada na pesquisa faz uso de métodos quali-quantitativos. Utilizamos a análise de conteúdo, pois se apresenta como um dos métodos mais eficientes para levantar informação dado a sua excelente capacidade de fazer interferências sobre aquilo que ficou impresso ou gravado (SANTOS, 1997).

Nesta pesquisa aplicamos a análise de conteúdo pelo fato de ser utilizada para detectar tendências e modelos de análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos. Serve também para descrever e classificar produtos, gêneros e formatos jornalísticos, para avaliar características da produção de indivíduos, grupos e organizações, discrepâncias e para comparar conteúdo jornalístico de diferentes mídias em diferentes culturas. Conforme Santos (1997, p.125),

A análise de conteúdo é um método eficiente e replicável que serve para avaliar um grande volume de informação manifesta cujas palavras, frases, parágrafos, imagens ou sons podem ser reduzidos a categorias baseadas em regras explícitas, previamente definidas com objetivo de fazer inferências lógicas sobre mensagens, consagrou-se na segunda metade do século XX com trabalhos seminais de Klaus Krippendorff e de Robert Weber.

Amparada nos pressupostos descritos acima, procederemos à análise do conteúdo jornalístico publicado no jornal online “Zero Hora”. A escolha deste periódico diário deu-se pelo fato deste ter grande audiência em seu Estado. O método consistirá no recolhimento e análise de textos jornalísticos publicados de setembro de 2016 a março de 2017 sobre problemas ambientais no Rio Grande do Sul com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias de análise.

A escolha das categorias teve também como base as seguintes premissas: a exclusão mútua (um elemento não pode ser classificado em duas ou mais categorias), a homogeneidade (num mesmo conjunto categorial só pode funcionar com uma dimensão de análise), a pertinência (as categorias deveriam estar adaptadas ao material de análise escolhido e pertencente ao quadro teórico escolhido), a objetividade e fidelidade (as diferentes partes de um mesmo material analisado devem ser codificadas da mesma maneira) e a produtividade (um conjunto de categorias é considerado produtivo quando

oferece resultados férteis) (BARDIN, 2010). Foram definidas cinco categorias: Precisão, Independência, Pluralidade, Contextualização e Sensibilização:

- Categoria Precisão: analisa a veracidade e a precisão das informações publicadas. Engloba os elementos dos princípios gerais do jornalismo do compromisso com a verdade, da lealdade ao interesse público, da disciplina da verificação e do dever jornalista com sua consciência, bem como uma das qualidades do jornalismo ambiental de evitar o sensacionalismo.
- Categoria Independência: analisa se houve problematização das responsabilidades do poder público frente às causas e efeitos dos problemas ambientais.
- Categoria Pluralidade: analisa o espaço dado no âmbito das reportagens para as manifestações das diversas vozes envolvidas na questão ambiental. Abrange os princípios gerais do jornalismo de promover um fórum para a crítica e o comentário público e da independência das fontes, e ainda as funções: social, informativa, político-ideológica, cultural e econômica do jornalismo científico.
- Categoria Contextualização: analisa a contextualização das causas e consequências das questões ambientais e suas implicações sociais, culturais, econômicas, ambientais e políticas. Reúne as qualidades inerentes ao jornalismo ambiental de procurar evitar a fragmentação da cobertura e não resumir tudo às questões econômicas.
- Categoria Sensibilização: utilização do espaço das reportagens não somente para noticiar fatos ligados à questão ambiental, mas também sensibilizar a população para a necessidade de tomada de decisões esclarecidas

Por meio da análise de conteúdo das reportagens será possível traçar um quadro sobre a cobertura frente aos princípios do jornalismo e dos seus subgêneros científico e ambiental, bem como identificar os atores sociais envolvidos na produção das notícias (jornalistas).

CATEGORIAS	PRINCÍPIOS	CONTEÚDO	PERGUNTAS
Precisão	• Compromisso	• Verificar se a	• A que se refere a

	<p>com a verdade</p> <ul style="list-style-type: none"> • Disciplina da verificação • Função informativa • Evitar o sensacionalismo 	<p>cobertura foi precisa em relação aos fatos noticiados e se houve ou não sensacionalismo</p>	<p>matéria?</p> <ul style="list-style-type: none"> • O texto das matérias possuem verbos no futuro do pretérito (seria, deveria, iria, etc.), expressões como supostamente e provavelmente ou verbos no gerúndio (investigando, apurando, etc.)?
Independência	<ul style="list-style-type: none"> • Independência das fontes • Ser um monitor do poder • Lealdade ao interesse público • Função político-ideológica • Independência em relação às fontes • Dever com a sua consciência 	<ul style="list-style-type: none"> • Analisar se as matérias atenderam aos interesses públicos e se prestaram ao papel de monitorar o poder 	<ul style="list-style-type: none"> • A reportagem questiona o poder público a respeito da questão ambiental e/ou científica? • Mostrou aos leitores quais seriam as responsabilidades do poder público? • A matéria se limita a apenas uma fonte?
Contexto	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar o significativo de forma interessante e relevante • Evitar a fragmentação da cobertura • Nem tudo se resume a questões econômicas 	<ul style="list-style-type: none"> • Analisar se as matérias cumpriram com o objetivo de oferecer conteúdo de qualidade voltado aos interesses do público 	<ul style="list-style-type: none"> • A reportagem apresenta as causas históricas do problema ambiental? • As matérias de cunho científico têm os termos traduzidos para o entendimento do público? • A matéria correlaciona o problema

			ambiental e as questões econômicas, políticas ou culturais?
Sensibilização	<ul style="list-style-type: none"> • Função educativa • Função cultural • Caráter revolucionário e engajamento • Procurar aliar jornalismo e educação 	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar se o conteúdo das reportagens busca desenvolver um caráter social procurando conscientizar o público da importância da cultura nacional 	<ul style="list-style-type: none"> • A matéria procura educar o leitor a respeito das questões ambientais e descobertas científicas? • A matéria mostra ao leitor como se deve agir diante dos problemas citados e quais os seus efeitos? • A matéria consegue mostrar para o leitor como a questão ambiental ou conhecimento científico afeta o seu cotidiano?
Pluralidade	<ul style="list-style-type: none"> • Promover fórum de debates • Função social • Diversidade das fontes • Abrir espaço para debate 	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar se as matérias cumprem com o papel de proporcionar uma discussão através de indagações dentro das próprias reportagens fazendo com que o público questione o que está acompanhando 	<ul style="list-style-type: none"> • Qual a natureza das fontes? • Caso sejam pesquisadores, quantos pesquisadores da área ambiental e científica foram questionados para a produção da matéria? • Quantas opiniões científicas são apresentadas? • Quais vozes tiveram espaço na construção da

			reportagem?
--	--	--	-------------

Quadro 1: Categorias de análise e questões do formulário de análise das reportagens
 Fonte: Roteiro feito pelo pesquisador/2016

Acreditamos que através desta análise, poderemos traçar um panorama sobre a cobertura ambiental na região do Sul do país, em frente aos princípios do jornalismo e sobre o papel do jornalismo ambiental. Os resultados da pesquisa serão analisados tendo como foco o grau de esclarecimento da reportagem em questão usando como parâmetro os princípios do jornalismo ambiental. Com base nesses resultados poderemos obter informações sobre a qualidade da cobertura jornalística ambiental.

4. Considerações

O objetivo dessa pesquisa é avaliar a cobertura jornalística sobre questões ambientais realizada pelo portal “Zero Hora” do Rio Grande do Sul, no período de setembro de 2016 a março de 2017 sendo realizadas as coletas de matérias até a elaboração deste paper. Conseguimos avançar ao atingirmos três dos objetivos propostos: coleta de dados para análise; estabelecer os princípios norteadores do jornalismo científico e ambiental e construir a metodologia capaz de sustentar a análise da cobertura jornalística do Portal “Zero Hora”. Destacamos aqui os princípios norteadores do jornalismo, sua função social como democratizador de informação e a função do jornalismo ambiental. No relatório final da pesquisa, atingiremos os demais objetivos específicos, que são a análise das reportagens coletadas tendo como base as categorias de análise e apresentação dos resultados da pesquisa.

5. Referências

- BELMONTE, Roberto Villar. Menos catástrofes e mais ecojornalismo. In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.
- BORTOLOZZI, Arlêude. Comunicação, ensino e temática ambiental. **Comunicação e Educação**, São Paulo, n. 14, p. 42-48, jan./abr. 1999. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36842/39564>>. Acesso em: 17 fev. 2010.
- BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, jornalismo e meio ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo: Majoara, 2007.
- BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Cia da Letras, 2000.
- CAMARA, Eric Brücher. Aquecimento global pode afetar Brasil até 20% mais que a média, diz Inpe. **BBC Brasil**, Brasília, DF, 11 dez. 2009. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/12/091211_c15_ebc_rc.shtml>. Acesso em: 17 fev. 2010.
- CHAPARRO, Manoel Carlos. **Linguagem dos conflitos**. Coimbra: Minerva, 2001.
- FIGUEIREDO, Thiago Antônio de Sousa *et al.* Comunicação Comunitária. In: SEMINÁRIO ANUAL DE PESQUISA, 2., 2001, Tefé. **Anais**. Tefé: Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, 2001. p. 35-38.
- FONSECA, André Azevedo da. Água de fonte só: a magnitude do problema em um experiência concreta. In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- GERAQUE, Eduardo. Jornalismo e ecossistemas parecem (mas não são) eles perdidos. In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.
- IVANISSEVICH, Alícia. Como popularizar a ciência com responsabilidade e sem sensacionalismo. In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação científica: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2005.
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração, 2003.
- LEFF, Henrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MELO, José Marques de. **Estudos de jornalismo comparado**. São Paulo: Pioneira, 1972.

_____. **Jornalismo: compreensão e reinvenção**. São Paulo: Saraiva, 2009.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MORETZSONH, Sylvia. **Pensando contra os fatos**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2002.

OLIVEIRA, Fabíola Imaculada de. **Jornalismo Científico e Amazônia: estudo de quatro jornais brasileiros**. Dissertação de (Mestrado em Comunicação), Departamento de Jornalismo e Editoração, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 1990.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948. Disponível em:

<<http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Language.aspx?LangID=por>>. Acesso em: 17 fev. 2010.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Du contrat social**. Paris: Librairie General Française, 1996.

SANTOS, J.M. **O que é análise de conteúdo**. São Paulo: Summus, 1997.

SILVA, Marilene Corrêa da. **Metamorfoses da Amazônia**. Manaus: Ed. da Universidade do Amazonas, 1999.

SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e os seus efeitos**. Coimbra, Minerva, 2000.

SOUSA, Filipa Ambrósio de. ONU arrasa previsões dos cientistas sobre Amazônia.

Diário de Notícias, Portugal, 1 fev. 2010. Disponível em:

<http://dn.sapo.pt/inicio/ciencia/interior.aspx?content_id=1483539&seccao=Biosfera>. Acesso em: 17 fev. 2010.

SCHARF, Regina. Economia sustentável é utopia, contradição ou lucro certo? In:

BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.

TAUTZ, Carlos. Oxigênio para a energia: entenda a ideia de um “jornalismo para o

desenvolvimento”. In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: por que as notícias são como são**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005a. v. 1.

_____. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005b. v. 2.

TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: Questões, teorias e “Estórias”**. Lisboa, Vega, 1997.

TRIGUEIRO, André. **Mundo sustentável: abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação**. São Paulo: Globo, 2005.

VERÍSSIMO, José. **A instrução e a imprensa: livro de Centenário**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 6ª ed. Lisboa: Presença, 2001.